

Tnd®

**O MENINO
QUE ABSORVIA
O MUNDO**

Reflexões sobre crescer e descobrir-se humano

Autobiografia de Helder Oliveira

O MENINO QUE ABSORVIA O MUNDO

Helder Oliveira

©Thunder Editora 2025

Capa: Masterdesigners

Revisão: Kelly Susan e Karen Oliveira

1ª edição agosto de 2025

Reservados todos os direitos.
Esta publicação não pode ser reproduzida,
nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer
processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação
ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

DIGA NÃO À CÓPIA

Respeite os direitos do autor.
A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Distribuição **Thunder lda**
info@tnd.editora.com

ISBN 978-940-382-185-6

Dedicatória

Para minha mãe, Rosa Lia

Querida mãe,

Neste 03 de agosto de 2025, quando celebramos o primeiro ano de vida da pequena Ana Lídia — minha neta, tua bisneta, e também, por força do amor com que a acolheste, tua neta —, entrego ao mundo este livro, que durante tantos anos dormiu em silêncio, como se esperasse por este exato momento: o dia em que tua história se entrelaça, de forma tão bela, com a dela.

Antes que estas páginas pudessem ser escritas, foi a tua caminhada que me formou. Foste tu quem me ensinou — com gestos simples, mas cheios de coragem — que o amor verdadeiro se revela na constância e no cuidado, mesmo quando silencioso. Foste tu quem acolheu a Nicole, criando-a com o mesmo zelo e ternura com que me criaste, e por isso ela pôde, um dia, também acolher sua filha com força e doçura.

E mesmo Isadora, minha filha que não cresceu debaixo do teu teto, jamais esteve fora do alcance do teu coração. Sempre a trataste com carinho e respeito, com um afeto discreto que nunca precisou de palavras para se fazer sentir. Foi essa tua capacidade de amar sem medida, de acolher sem julgar, que nos ensinou — a mim, às tuas netas e agora à tua bisneta — o que é amor de verdade.

A filosofia me mostrou que viver bem é saber conviver com as dúvidas, mas contigo aprendi que há sabedorias que não se explicam — apenas se vivem. Que há gestos de cuidado que, mesmo pequenos, atravessam gerações.

Este livro é também uma homenagem à tua presença contínua, mãe. Que a Ana Lídia, crescendo ao teu redor, veja em ti a mesma força silenciosa que um dia me sustentou. E que saiba, desde cedo, que sua história é feita de raízes profundas — e que uma delas, talvez a mais firme, és tu.

*Com amor eterno,
teu filho,
Helder*

Lisboa, 03 de agosto de 2025

Carta ao Leitor

Querido(a) leitor(a),

Antes de mais nada, obrigado por estar aqui, por abrir estas páginas e permitir que eu compartilhe um pedaço da minha vida, das minhas memórias e das minhas reflexões contigo.

Escrever este livro foi para mim uma jornada de autodescoberta, um convite para visitar momentos que moldaram quem sou e que, espero, possam inspirar quem estiver do outro lado destas palavras. Acredito que contar histórias é uma forma poderosa de nos conectar, de criar pontes invisíveis entre pessoas e tempos diferentes.

Este não é um livro de respostas prontas, mas de perguntas profundas, de caminhos entreabertos que cada um pode escolher explorar de acordo com sua própria experiência. É também um ato de confiança: confiar que a minha história, com suas dores, alegrias e aprendizados, pode tocar, provocar e até transformar.

Convido-te a ler com o coração aberto, com a curiosidade de quem busca entender não apenas o mundo, mas a si mesmo através do outro. Que este livro seja um companheiro de viagem — uma viagem interior e ao tempo — e que possamos, juntos, encontrar sentido nas palavras e nos silêncios que elas também carregam.

Mais uma vez, obrigado por esta companhia. Espero que esta leitura te ofereça tanto quanto me ofereceu escrever.

Com gratidão e esperança,

Helder Oliveira

Sumário

Prólogo: A Arte de Absorver	11
Capítulo 1: O Ninho de Afetos	19
Capítulo 2: O Palácio de Dois Quartos	23
Capítulo 3: O Despertar das Diferenças	27
Capítulo 4: As Faculdades Mentais e os Muros Invisíveis	37
Capítulo 5: A Reinvenção da Dignidade	43
Capítulo 6: Os Guardiões da Inocência	49
Capítulo 7: Entre Dois Mundos e os Pais do Coração	57
Capítulo 8: O Primeiro Voo e o Cheiro da Conquista	65
Capítulo 9: Novas Influências e o Primeiro Fracasso	71
Capítulo 10: O Despertar Cruel da Consciência	81
Capítulo 11: A Reconstrução Consciente do Ser	97
Epílogo parte 1: A Morte do Menino e o Nascimento do Homem.....	111
Capítulo 12: Estaca Zero - O Recomeço em Terra Estranha	131
Capítulo 13: A Busca da Independência e o Estudo das Escrituras	155
Capítulo 14: Torre La Vega, Sevilha e o Chamado do Coração	169
Capítulo 15: Entre a Vida e a Morte - O Regresso ao Coração da Família.....	197
Capítulo 16: Manaus - O Encontro com um Novo Mundo	209
Capítulo 17: A Vida de Subcelebridade Local	221
Capítulo 18: Duas Décadas e Meia de Transformação.....	233

Prólogo

Sobre o Valor e o Propósito desta Obra

Antes de mais, importa esclarecer ao leitor aquilo que verdadeiramente está em jogo neste livro: o seu conteúdo. Não se trata de vendas, de prestígio ou de qualquer sucesso comercial que porventura possa alcançar. O valor desta obra reside, acima de tudo, na experiência humana que procura registar e nas reflexões que deseja despertar em quem se permitir atravessá-la. São fragmentos de uma vida que só encontram sentido quando ganham forma na palavra.

Vivemos tempos apressados — ou, como disse o sociólogo Zygmunt Bauman, tempos líquidos, em que “nada foi feito para durar”. A leveza das aparências frequentemente substitui a densidade dos conteúdos. Livros, como tantos outros produtos, passam a ser escolhidos pela força do marketing, não pela verdade que carregam. Entendo que me perguntem sobre vendas, projeções ou reconhecimento sempre que publico algo. Mas confesso: cada vez que isso acontece, sinto que me afastam um pouco do real motivo que me trouxe até aqui. Não escrevo para vender; escrevo para não me perder. Escrevo porque há uma inquietação que só se acalma quando se transforma em texto.

Com o tempo, desenvolvi também uma espécie de ceticismo silencioso diante de livros apresentados com rótulos como best-seller, mais vendido, ou acompanhados de campanhas agressivas de autopromoção. Não que o sucesso comercial invalide o conteúdo — sei bem que há obras profundas que chegam longe —, mas a insistência nos números, no alcance, no impacto imediato, acaba por levantar em mim uma dúvida: onde está, afinal, a mensagem? Essa dúvida gerou em mim um certo receio de parecer igual. E por isso, ultimamente, tenho falado pouco

sobre o que escrevo, guardando os textos com discrição, para que leitores como eu — desconfiados por natureza — não julguem mal aquilo que nasce de um lugar sincero. Talvez eu esteja enganado. Talvez essa reserva seja mais medo do que equilíbrio. Mas é, honestamente, o que sinto hoje.

Aprendi a desconfiar do brilho rápido. Já não me atraem os holofotes, tampouco os aplausos fáceis. Quando se alcança um certo equilíbrio — ainda que instável —, nasce um zelo silencioso por mantê-lo. E tudo o que é barulhento demais, veloz demais, parece arriscar mais do que oferece.

A fama pode ser ruído. E o que me importa, cada vez mais, é a clareza da mensagem — não o volume da voz, nem a figura que a carrega. Como tantos já disseram, o que realmente importa é a mensagem, não o mensageiro. Que estas páginas sobrevivam a mim — e, se possível, digam mais do que eu jamais conseguiria dizer em voz alta.

Este livro é, antes de tudo, uma tentativa de eternizar o efêmero. De deixar gravados os rostos, os gestos e os silêncios que me constituíram. Não é uma obra ambiciosa em números, mas é ambiciosa em profundidade: quero tocar o que é essencialmente humano, com honestidade e alguma beleza. Quero que cada palavra funcione como uma ponte — entre mim e quem lê, entre a memória e o presente, entre o que fomos e o que ainda podemos ser.

Se estas páginas forem capazes de provocar em alguém uma lembrança, uma pausa, uma pergunta, então já terão cumprido o seu papel. Porque no fim, o que desejo com esta escrita não é sucesso. É sentido.

De certa forma, este livro é o meu presente a essas pessoas - à minha mãe Rosa Lia, meu pai Helio, aos meus pais do coração Celso e Maura, à minha tia madrinha Maria Abadia, o meu primo Adriano, aos meus amigos Wanderley Tiburcio (O Juninho) e Rodrigo (O cabeça), os vários outros amigos citados neste livro, e tantos outros que cruzaram o meu caminho e deixaram marcas indeléveis na

minha alma. É uma forma de dizer "obrigado" a quem me ajudou a tornar-me quem sou, de garantir que as suas histórias não se percam no tempo, de honrar a memória daqueles que já partiram e de celebrar a presença daqueles que ainda estão comigo.

Devo também reconhecer a importância fundamental da minha esposa, Karen Oliveira, que, apesar de não a ter conhecido no período narrado neste primeiro volume, foi essencial para o desenvolvimento desta obra. Há 12 anos que partilhamos a vida, e sem a base sólida e estável que construímos juntos em vários aspectos, eu não conseguiria ter desenvolvido esta autobiografia. Com ela, construí não apenas um lar, mas uma família - diferente das tradicionais, é verdade, pois somos nós e os nossos dois gatos, Narune de 8 anos e Pituka de 2 anos. Com ela viajei muito, estudei junto, construímos negócios sólidos juntos, e uma vida estável e confortável.

Karen entra na minha vida após o final do segundo ciclo em Manaus, e iniciamos juntos o terceiro na Europa - uma história que será contada no próximo volume, mas cuja importância já se faz sentir nestas páginas através da estabilidade e do amor que me permitiram olhar para o passado com a serenidade necessária para esta reflexão.

Devo confessar também que o processo de escrita foi, em si mesmo, uma jornada de aprendizagem extraordinária. Cada capítulo escrito, cada memória revisitada, cada reflexão desenvolvida contribuiu para o meu crescimento pessoal e intelectual. O autor que termina este livro não é o mesmo que o começou - e isso é, talvez, o maior presente que esta obra me deu.

Continuo a ver os livros físicos como algo muito especial. Numa era digital, onde tudo parece efémero e descartável, o livro permanece como um artefato tangível, duradouro, sagrado. É uma paixão que carrego desde criança - a textura do papel, o cheiro da tinta, o peso nas mãos, a possibilidade de sublinhar, de anotar, de voltar às páginas favoritas. Para mim, os livros são importantes artefatos na

construção do conhecimento humano, pontes entre gerações, repositórios de sabedoria que transcendem o tempo e o espaço.

Por isso, se este livro chegar às suas mãos, saiba que não é apenas uma coleção de memórias pessoais. É um testemunho da capacidade humana de crescer, de aprender, de se transformar. É uma homenagem àqueles que nos moldam. É uma reflexão sobre o que significa ser humano num mundo complexo e em constante mudança. E é, acima de tudo, um convite para que você também reflita sobre a sua própria jornada, sobre as pessoas que o moldaram, sobre as experiências que o definiram.

A Jornada da Consciência

Há momentos na vida em que paramos e nos perguntamos: quem somos nós, realmente? Não o nome que carregamos, não a profissão que exercemos, não os papéis que desempenhamos, mas essa essência que pulsa por trás dos olhos, que observa, que sente, que questiona. Eu sempre fui, desde criança, alguém que absorvia o mundo com uma intensidade que às vezes me assustava. Como se cada som, cada cheiro, cada textura, cada olhar fosse um dado precioso que minha consciência recolhia e guardava, construindo, tijolo por tijolo, aquilo que viria a ser eu.

Nasci no dia 1 de dezembro de 1980, em Goiânia, capital do estado de Goiás, no coração do Brasil. Mas esta não é apenas a história de um nascimento. É a história de um despertar. De como uma consciência se forma, se molda, se questiona. De como um menino aprende a ser humano, absorvendo cada experiência como se fosse a primeira e a última.

Uma Jornada de Escrita de Quase Duas Décadas

Devo confessar ao leitor que esta obra não nasceu de um impulso súbito ou de uma inspiração momentânea. A sua gênese remonta a 2006 e 2008, quando, ainda jovem e com a memória mais fresca dos acontecimentos aqui narrados, comecei a escrever os primeiros manuscritos desta autobiografia. Naquela época, movido por uma urgência quase visceral de registrar as experiências que me haviam moldado, rabisquei páginas e páginas sobre a minha infância, adolescência e os primeiros anos da vida adulta.

Contudo, a vida, com as suas exigências e reviravoltas, fez com que esses manuscritos fossem guardados numa gaveta, onde permanecera por quase duas décadas. Não foi abandono, mas sim uma pausa necessária - como se a obra precisasse de tempo para amadurecer, tal como o vinho que ganha complexidade com os anos.

Foi apenas em abril de 2025, já com 44 anos, que decidi retomar e finalizar este projeto. E que descoberta extraordinária foi essa retomada! Percebi que o tempo não havia sido um inimigo da obra, mas sim o seu maior aliado. A maturidade adquirida, o alargamento das minhas experiências de vida e, sobretudo, a expansão tanto dos meus conhecimentos empíricos quanto teóricos, permitiram-me refinar e aprofundar estas memórias de uma forma que seria impossível durante a minha juventude.

Os conhecimentos empíricos - aqueles adquiridos através da experiência vivida, das viagens, dos relacionamentos, dos sucessos e fracassos, das observações diretas do mundo - enriqueceram-se exponencialmente ao longo destes anos. Cada nova experiência trouxe camadas adicionais de compreensão sobre os acontecimentos narrados neste livro. O que antes eram apenas memórias, tornaram-se agora dados interpretáveis à luz de uma vida mais plena e diversificada.

Paralelamente, os conhecimentos teóricos - especificamente nas ciências sociais como Filosofia, Sociologia, Psicologia e Antropologia - forneceram-me as ferramentas conceituais necessárias para analisar e contextualizar essas experiências de forma mais profunda e rigorosa. A teoria não substituiu a experiência, mas ofereceu-lhe um quadro de referência, uma linguagem mais precisa, uma capacidade de estabelecer conexões que transcendem o meramente pessoal para alcançar o universal humano.

Como diria o antropólogo Clifford Geertz, somos seres suspensos em teias de significados que nós mesmos tecemos - e foi precisamente essa compreensão que me permitiu interpretar as minhas próprias experiências como parte de uma trama cultural mais ampla.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas durante este processo foi a natureza recursiva da memória. Inúmeras vezes, quando já havia avançado vários capítulos, surgia-me uma lembrança, um episódio, uma reflexão que simplesmente não poderia ficar de fora. Isso obrigava-me a voltar atrás, a refazer capítulos inteiros, a reorganizar a narrativa. Foi um exercício de paciência e persistência, mas também de descoberta - cada volta ao passado revelava novas camadas de significado, novas conexões entre os acontecimentos.

Compreendi que este era, verdadeiramente, o momento certo para finalizar esta obra. Não apenas porque tinha finalmente o tempo e a disciplina necessários, mas porque possuía agora as ferramentas intelectuais e emocionais para dar a estas memórias o tratamento que mereciam. A perspectiva das ciências sociais permitiu-me analisar a minha própria experiência não apenas como uma sucessão de acontecimentos pessoais, mas como um reflexo das dinâmicas sociais, culturais e históricas do meu tempo.

Por isso, esta primeira parte da minha autobiografia cobre o período de 1980 a 2008, deixando deliberadamente muito material para um segundo volume que abarcará tudo o que vivi e aprendi entre 2008 e 2025 - o momento em que escrevo estas linhas. Essa divisão não é apenas cronológica, mas também temática: este primeiro volume trata da formação, da descoberta, dos primeiros passos no mundo; o segundo tratará da consolidação, da maturidade, das reflexões mais profundas sobre a condição humana.

Quando olho para trás, para os primeiros anos da minha vida, vejo-me como uma esponja emocional e sensorial. Tudo me tocava profundamente: o calor de um abraço, o cheiro da chuva na terra, o som das vozes familiares, a textura áspera do chão de cimento. Cada sensação era registada com uma precisão quase científica pelos meus "sensores humanos" - os olhos que viam, os ouvidos que escutavam, a pele que sentia, o coração que palpitava.

Esta é a história desses dados recolhidos. Das experiências que me moldaram, das mudanças que me transformaram, das questões que me definiram. É a história de como se constrói uma consciência, de como se descobre o que significa ser humano, de como se aprende a existir num mundo que é, simultaneamente, belo e cruel, simples e complexo, familiar e estranho.

Convido-vos a acompanhar-me nesta jornada. A ver o mundo através dos olhos de uma criança que absorvia tudo, que questionava tudo, que sentia tudo com uma intensidade que, talvez, só a infância permite. Uma criança que, sem saber, estava a recolher os dados que viriam a formar o homem que sou hoje.

Capítulo 1

O Ninho de Afetos

Não me lembro do momento exato em que nasci, claro. Ninguém se lembra. Mas às vezes, nas horas mais silenciosas da madrugada, quando o mundo parece suspenso entre o sono e a vigília, tento imaginar esse momento mágico e assustador. Tento imaginar o instante em que o ar encheu os meus pulmões pela primeira vez, quando saí daquele lugar quentinho e seguro - o ventre da minha mãe - para entrar num ventre muito maior e mais complexo: o ventre da sociedade.

Deve ter sido um choque tremendo. De repente, luzes cruas em vez da escuridão acolhedora, sons estridentes em vez do ritmo suave do coração materno, frio em vez do calor constante. E então, o choro. O meu primeiro grito de protesto, de medo, de vida. O primeiro dado registado pelos meus sensores humanos: a dor da separação, a necessidade urgente de ar, a busca desesperada por calor e segurança.

Imagino que chorei não apenas pela mudança física, mas por uma intuição primitiva de que tinha deixado para trás um mundo perfeito e entrado num mundo imperfeito, cheio de possibilidades mas também de incertezas. Era o meu primeiro contacto com a condição humana: a necessidade de nos adaptarmos constantemente, de encontrarmos segurança num mundo que, por natureza, é inseguro.

Mas lembro-me da sensação de ter sempre existido naquele universo pequeno e acolhedor que era a casa dos meus avós maternos. Um anexo modesto, nos fundos de uma casa que já tinha visto muitas histórias, onde eu vivi os primeiros quatro anos da minha vida.

Era um lugar onde o amor se respirava no ar. Literalmente. O cheiro de café fresco misturado com o aroma de comida caseira, o perfume suave da minha avó, o

odor familiar dos cigarros do meu avô - tudo isso criava uma atmosfera única, um cocktail sensorial que, ainda hoje, quando fecho os olhos, me transporta de volta àqueles dias.

Vivíamos todos juntos: eu, os meus pais, os meus três irmãos mais velhos, e uma rotatividade constante de tios e tias maternos - oito deles, para ser exato - que entravam e saíam como personagens de uma peça de teatro familiar. A casa estava sempre cheia. Sempre. Não havia momento de silêncio, não havia canto vazio. Era um caldeirão de vida, onde cada voz contribuía para uma sinfonia constante de existência humana.

Eu era o caçula, o bebê da família, e isso significava que estava sempre no centro de uma teia de atenções. Havia sempre um colo disponível, sempre uma mão pronta para me pegar, sempre uma voz disposta a cantarolar uma canção de ninar. Os meus "sensores" - os meus sentidos de criança - registavam cada detalhe dessa abundância de afeto.

Lembro-me do toque áspero do chão de cimento contra os meus pés descalços. Era frio de manhã, morno à tarde, e guardava o calor do dia quando a noite chegava. Lembro-me da textura das paredes, pintadas de uma cor que já não consigo definir, mas que as minhas mãos pequenas exploravam constantemente, como se estivesse a ler em braile a história daquela casa.

O quintal era o meu primeiro laboratório de descobertas. Ali, absorvia as lições mais básicas sobre a vida: a terra molhada depois da chuva tinha um cheiro único, quase doce; as frutas do pé de manga tinham sabores diferentes dependendo da altura em que eram colhidas; o canto das cigarras era o som quente do verão, anunciando a vida que pulsa mesmo no silêncio das horas, as formigas seguiam caminhos invisíveis que só elas conheciam; o sol mudava de posição ao longo do dia, criando sombras que dançavam e se transformavam.

Mas eram as pessoas que mais me fascinavam. Cada membro da família era um universo de características únicas que eu absorvia com a curiosidade natural de uma criança. A minha mãe tinha uma forma particular de me balançar — um ritmo quase secreto, que me acalmava como se me devolvesse ao ventre. O meu pai falava pouco, mas seus gestos e olhares carregavam significados que eu me esforçava por decifrar, como quem aprende uma língua silenciosa. Eu adorava quando ele me colocava no colo para fazer "cavalinho", aquele vai-e-vem que misturava brincadeira e vínculo. Mas o que mais me encantava era quando ele me jogava para o alto: eu tinha a sensação de voar tão alto que, por um instante, conseguia ver o telhado da nossa casa de cima. Era como tocar o céu com os pés — e voltar sempre seguro para os braços dele.

As minhas irmãs, Sandra e Kênia, e o meu irmão Helinho, com suas personalidades distintas, foram os meus primeiros professores sobre as complexidades das relações humanas — um campo invisível, mas cheio de sinais, que eu começava a explorar com olhos atentos e alma aberta. E havia os tios e tias, primos e primas, cada um trazendo consigo histórias, risadas, preocupações, alegrias. Eu observava tudo. Absorvia tudo. As conversas dos adultos, mesmo quando não compreendia as palavras, chegavam até mim como música - o tom, o ritmo, a emoção por trás das vozes. Aprendi a ler rostos antes de aprender a ler livros. Aprendi a sentir o humor de uma sala antes de compreender o que causava esse humor.

A casa dos avós era pequena em metros quadrados, mas infinita em calor humano. Era um lugar onde a pobreza material era compensada por uma riqueza emocional que, só mais tarde, vim a compreender como rara e preciosa. Não tínhamos muito, mas tínhamos tudo o que importava: uns aos outros.

Naqueles primeiros anos, eu não sabia que estava a recolher dados sobre o que significa pertencer, sobre o que é a segurança, sobre o que é o amor incondicional. Não sabia que estava a aprender as primeiras lições sobre a condição humana: que somos seres sociais, que precisamos uns dos outros, que a família é o primeiro espelho onde nos vemos refletidos.

Era apenas um menino que absorvia o mundo, um pequeno ser humano cujos sensores estavam constantemente ativos, registando cada momento, cada sensação, cada emoção. Sem saber, estava a construir os alicerces da pessoa que viria a ser. Estava a aprender a ser humano.

Capítulo 2

O Palácio de Dois Quartos

Mais ou menos aos quatro anos, o meu mundo expandiu-se de forma súbita e dramática. Não me lembro do momento exato da mudança - as memórias dessa idade são como fotografias desbotadas, onde os contornos se misturam e as cores se fundem -, mas lembro-me da sensação. A sensação de que o universo tinha, de repente, ficado maior.

O meu pai, homem de trabalho silencioso e determinação constante, recebeu uma proposta. Foi nomeado chefe da Pedreira Compav, a pedreira da prefeitura de Goiânia. Para ele, provavelmente era o reconhecimento de anos de dedicação. Para mim, era o início de uma nova era de descobertas sensoriais.

A casa na vila da pedreira era, aos meus olhos de criança, um palácio. Vindo do anexo acolhedor mas minúsculo da casa dos avós, aqueles dois quartos - um para os meus pais, outro que eu partilhava com os meus três irmãos - pareciam-me vastos como catedrais. Lembro-me de correr pelos corredores, os meus pés descalços fazendo eco num espaço que parecia infinito. Lembro-me de me perder, literalmente, dentro da minha própria casa, descobrindo cantos e recantos que se revelavam como territórios inexplorados.

Mas era o ambiente da vila que verdadeiramente alimentava os meus sensores em desenvolvimento. A pedreira era uma presença constante, uma entidade viva que respirava através de sons, cheiros e vibrações. De manhã cedo, antes mesmo do sol nascer completamente, ouvia-se o rugido distante das máquinas a despertar. Era um som grave, profundo, que parecia vir das entranhas da terra. Ao longo do dia, esse rugido era pontuado por explosões controladas - estrondos súbitos que faziam tremer os vidros das janelas e que, para mim, eram como trovões domesticados, previsíveis e, estranhamente, reconfortantes.

O cheiro era único: uma mistura de pó de pedra, metal aquecido pelo sol e terra revolvida. Era um aroma que se colava à roupa, que se infiltrava na casa, que se tornava parte da nossa identidade. Quando saíamos da vila, levávamos connosco esse cheiro, como uma assinatura olfativa que nos identificava como pessoas da pedreira.

A vila era um microcosmo social fascinante para os meus olhos curiosos. Famílias inteiras cujas vidas giravam em torno do mesmo ritmo: o despertar antes do amanhecer, o regresso dos homens ao final da tarde com os rostos marcados pelo pó e pelo cansaço, as mulheres que se reuniam nas portas das casas para conversar enquanto as crianças brincavam nas ruas de terra batida.

Foi ali que fiz os meus primeiros amigos de verdade. Não os primos e irmãos — companhia inevitável —, mas crianças escolhidas pela afinidade, pela curiosidade partilhada, pela simples alegria de brincar juntos. Lembro-me de tardes inteiras a explorar os arredores da vila, a descobrir esconderijos secretos no ferro-velho de máquinas, onde repousavam incontáveis patolas, tratores e camiões acidentados ou avariados, já sem esperança de conserto — uma espécie de cemitério de máquinas. Inventávamos jogos que só faziam sentido para nós, e, ainda assim, faziam todo o sentido do mundo.

Havia uma hierarquia informal entre as crianças da vila, regras não escritas que eu aprendi a navegar instintivamente. Os mais velhos lideravam as brincadeiras, os mais novos seguiam e observavam, todos nós aprendíamos uns com os outros as complexidades das relações sociais. Era a minha primeira escola de vida, muito antes de qualquer escola formal.

As brincadeiras eram simples mas intensas. Corridas descalças pelas ruas de terra, jogos de escondidas entre as casas, construção de fortes com pedras e galhos secos. Cada atividade era uma oportunidade de absorver novos dados sobre o

mundo: a textura da terra sob os pés, a sensação do vento no rosto durante uma corrida, a satisfação de construir algo com as próprias mãos.

À noite, quando os homens regressavam do trabalho, a vila ganhava uma atmosfera diferente. As vozes tornavam-se mais graves, mais cansadas, mas também mais calorosas. Havia uma camaradagem entre os trabalhadores, uma solidariedade forjada pelo trabalho partilhado e pelas dificuldades comuns. Eu observava tudo, absorvia essas lições sobre comunidade, sobre como as pessoas se apoiam mutuamente quando enfrentam desafios semelhantes.

A nossa casa, embora maior, mantinha o calor familiar que eu conhecia. A minha mãe conseguia criar o mesmo ambiente acolhedor, o mesmo cheiro de comida caseira, a mesma sensação de segurança. Mas agora havia mais espaço para crescer, mais cantos para explorar, mais liberdade para descobrir quem eu era quando não estava constantemente rodeado por uma multidão de familiares.

Naqueles dois ou três anos na vila da pedreira, antes de a escola se tornar uma realidade, o mundo era a minha sala de aula. Cada dia trazia novas descobertas, novas sensações, novos dados para os meus sensores em desenvolvimento. Estava a aprender sobre trabalho e descanso, sobre comunidade e individualidade, sobre a forma como as pessoas constroem as suas vidas em torno de circunstâncias que nem sempre escolhem.

Era ainda o menino que absorvia o mundo, mas agora num mundo que tinha ficado significativamente maior e mais complexo. E eu estava pronto para absorver tudo.

Capítulo 3

O Despertar das Diferenças

Aos seis anos, o meu mundo expandiu-se novamente, desta vez de forma dupla e transformadora. Era chegado o tempo da escola, e com ela, a minha primeira grande lição sobre o que significa ser apenas mais um entre muitos.

O Instituto San Damiano era o meu destino educacional, um colégio católico dirigido por freiras franciscanas que ficava a alguns quilómetros da vila da pedreira. A viagem até lá era, em si mesma, uma aventura diária que marcaria para sempre a minha memória. Todos os dias, eu, os meus irmãos e várias outras crianças da vila amontoávamo-nos na caçamba de um camião. Para os adultos, era apenas transporte; para nós, era liberdade pura. O vento no rosto, as risadas que se misturavam com o rugido do motor, a sensação de voar pelas estradas de terra - tudo isso fazia parte do ritual de ir à escola.

Foi no Instituto San Damiano que conheci a professora Sônia, a minha primeira professora, com quem aprendi as primeiras letras e os primeiros números. No entanto, as lembranças mais simbólicas que guardo dessa época estão ligadas à minha segunda professora, Maria Alice — uma mulher que, sem saber, moldava não apenas a minha educação, mas também a minha forma de ver o mundo. Ela tinha uma paciência infinita e um sorriso que me fazia sentir seguro naquele ambiente novo e, por vezes, intimidante. Com ela, aprendi que existia um mundo muito maior do que a vila da Pedreira.

Hoje, percebo a sorte que eu e os meus colegas tivemos ao iniciar o ciclo escolar com uma professora de tamanha habilidade e paciência para guiar crianças nos primeiros passos da sua jornada académica.